



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## ONTOGEOTOPOLOGIA: CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS QUE EMOCIONAM DO/NO/AO SENTIR-SENDO A CIDADE

Alexsandro Costa de Sousa  
Universidade Federal do Espírito Santo-UFES  
alexgeografia2014@gmail.com

### Resumo

Uma pergunta que ainda ressoa naqueles que sempre e sempre, buscam sondar as tantas curiosidades que o sujeito humano apresenta: Onde estamos quando estamos no mundo? Parece ser uma pergunta simples, mas no contexto em que tenho buscado circunscrever meus estudos garanto que o entendimento requer muitas ilações, não possuindo apenas uma, mas umas tantas. Para se estabelecer critérios que sejam capazes de aproximar a compreensão sobre as espacialidades temporais e vivências, um exercício da forma do que se olha e o que olhar, pode servir como um amparo metódico, sem a velha rigidez convencional, mas uma possibilidade de mergulho maior sobre propriedades antes não tão exploradas pela geografia como as imagens para se discutir e apresentar o espaço, a cidade e o lugar. De sobremodo, são as categorias já durante séculos que são discutidas e ampliadas constantemente. Nesse estudo, venho dar uma parcela de contribuição unindo as perspectivas da ontologia, da fenomenologia, das imagens fotográficas, do texto, como uma tentativa de sentimentalização (sentimento e afetação) na realização de uma ontogeotopologia. A construção teórica de um passeante da/na ilha de Upaon-açu, mais conhecida como São Luís, tenta revelar que somos “carne do mundo”, quando nos deixamos ser parte de onde estamos, do *Lebenswelt*, sobretudo, quando a cidade-espaço-lugar nos orienta a responder sobre as circunscrições que nos avizinham, nos atravessam e completam nossa ôrganica membrana física e mental.

**Palavras Chave:** Ontogeotopologia; Geografia; Cidade; Espaço; Lugar

### INTRODUÇÃO

Uma pergunta que ainda ressoa naqueles que sempre e sempre, buscam sondar as tantas curiosidades que o sujeito humano apresenta: Onde estamos quando estamos no mundo? Distintas respostas podem ser levantadas a partir deste princípio, mas, qual a correta? Há verdadeiramente uma resposta capaz de refletir antes de se antecipar a sua des-re-velação ao mundo e ao sujeito? Importa como ressalva uma argumentação. Trato com essas questões tanto de Geografia como de Filosofia. O que pode ser até desesperador para um leitor mais desavisado, talvez. Não se trata de elucubrações desconexas ou de sentidos desconexos, podendo até ser desconexo e desconexo dos eixos distintos e lineares de se pensar Geografia. Aquela pálida e senil Geografia, com todo o respeito à tradição.

Esse questionamento não é tão novo ou adolescente assim, no sentido em categorizá-lo, enquanto tal, mas, é tão senil, no sentido irrestrito da palavra, quanto a Geografia. Ao longo das buscas pela resposta correta [acima destaquei se há realmente o correto], convido a usarmos de um bom senso, a partir de uma singular proposta dialógico-dialética, contraditória



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

às vezes e coadunado em outros tantos momentos. Tal proposta, está calcada em apresentar com o máximo esforço um diálogo entre diferentes posições de olhares sobre o tema: **ONTOGEOLOGIA:** considerações extemporâneas que emocionam do/no/ao sentir/ser/acidade, penso ser importante por mais uma vez, atrair o foco da Filosofia para o campo geográfico, na procura de respostas, de mais perguntas ou apenas de um diálogo aberto, amplo, sensorial, sensitivo, afetivo, perceptual, tátil, pois, é atravessando estes pontos que se discutirá a proposta. Essa *askese* é motivada pelas inquietações que me envolvem. Daí, a questão de (re)dobrar para (des)dobrar as dobras que muitos já se anteciparam e anteviram nessas discussões.

## DISCUSSÃO TEÓRICA E ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Para ser afetado, sentir as sensibilidades é necessário estar em algum lugar. Quando pensamos, estamos em um *topos*, um lugar, e nesse momento que as derivações das leituras existentes me fazem (re) dobrar a questão do “onde”, do lugar, sou atravessado por uma série de outras formas de pensar, que vieram de lugares, *topos* diferentes, e tempos que já se passaram. Através, deste contato- primeiro com a leitura- afetação visual, parto para uma abertura, nesse momento, apenas uma pequena fissura, no que diz respeito à Ontotopologia do espaço. Usando aqui a geografia e a filosofia como coadunais, no sentido de ir abrindo a fissura, e nela sendo arregaçado outro olhar sobre a Ontologia+Topologia+Geografia+Filosofia, resultando em uma Fenomenologia Ontogeotopológica.

Sentir a cidade, atribuir a ela sensações que des-fenecem em mim, são também constituições arraigadas a uma investigação de natureza ontológica. Logo, rompe-se o padrão do aparente-sensorial, para um módulo de essencialidade deste estudo que apresento. Na Ontologia- estudo do ser-, o essencial, a essência é tão mais complexo de explicação, de entendimento, de análise, que em um formato padrão do entendimento do fenômeno dado e aparente, aquilo que não se apresenta diretamente é o que movimenta esse intuito pessoal. Sentir a cidade e todas as suas vibrações, sendo parte da própria cidade, do *topos*, sendo o lugar, também estando no mesmo, uma fusão-imbricada, como parte da “carne do mundo” MERLEAU-PONTY (2000), não apenas percebendo, mas, experimentando o que é/ser/serendo *topos*.

“*Carne do mundo*”, uma re-flexão digna de se comentar, antes de pontuar os demais elos, se o mundo é carne do ser, somos os órgãos componentes desta carne, ou somos: carne, peles, músculos, sistemas, somos tudo enquanto parte desta composição metafórica, parte, unidade de uma totalidade, diversidades totalizantes de algo maior, que sem essas partes não existe. Um ponto de abertura que vai além de olhar a carne, os elementos que são responsáveis por manter a aparência desta “carne”. Quando usamos da assertiva ou da pergunta, “sentimos determinadas situações na pele”, esse eufemismo, pode-se tornar real, pois, é a experiência do sentir na pele, enquanto carne do mundo, que podemos então ter um olhar mais detido sobre a “percepção com todo o meu ser” (MERLEAU-PONTY, 2018).

Seguindo outras observações, nessa introdução, a nível de se perceber o se está (in) visível, mas que está ali e se faz presente de alguma forma, Derrida (2012), nos alimenta com essa apresentação:





VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

A imprevisibilidade do encontro com o espaço é de certa maneira previsível para os que fogem das estradas da retilinearidade geoespacial, sobretudo, porque as heterocondições múltiplas e disformes que tanto as relações biunitárias, quanto coletivas dão ao espaço, se tornam fenômenos e variáveis possibilitadoras e não-condicionais da montagem que organiza esse pensamento, por isso, a concepção de previsibilidade-desconhecida por quem estuda essas multiplicidades. Não que se tenha dentro da amarra previsível, respostas certas, dadas, mas apenas que se sabe que o aprofundamento desencadeará diversos entendimentos sobre a construção, organização ou surgimento do espaço e dos lugares.

A ideia inicial é assegurar o direito que os lugares e/ou espaços possam mostrar da forma mais natural possível. Como categoria divisória entre os diferentes lugares, temos a cidade, e é nesse uso contextual que tenho interesse que ampliar a discussão já difundida. O entretanto aqui, é que as heterotopias, as multiplicidades podem ser constituídas a partir do sentir a cidade, sobretudo, devido a cidade apresentar elementos que configuram tanto o formato-o espaço em si- quanto o tempo histórico.

Para esse artigo a cidade a ser evidenciada é a cidade histórica, Patrimônio da Humanidade: São Luís do Maranhão. Através de suas imagens, que contam histórias vistas em seus casarões, igrejas, ruas e avenidas, sobretudo, quando o percurso de um andarilho ou um passeante pelas ruas de São Luís, interessado em sentir-sendo parte da ‘carne do mundo’, faz com que as imagens-vivas, sejam incorporadas na “peau” deste passeante através da cidade, do espaço e do lugar, permitindo sentir o atravessamento cinestésico do estar-naquele-lugar.

Considero importante, mencionar que “o reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um estatuto filosófico” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 01), segue a guisa da Fenomenologia tanto da percepção, quanto dos sentidos, condensada também na perspectiva geográfica. Sendo que a percepção, é uma experiência vivida, concreta e em que o corpo ingenuamente está mergulhado. A intenção de fuga do objetivismo científico e do subjetivismo da filosofia reflexiva, apenas. A atitude a ser feita é tão somente, retornar ao mundo, a fim de descrevê-lo tal como ele é. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Desta forma, “Lo visible alrededor de nosotros parece descansar en sí mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 119), essa expectativa do encontro com o fenômeno visível, que passa pelo tátil, pelo corpo, cenestesicamente às vezes, salta da Filosofia para a Geografia e vice-versa. Saltos que perpassam o visível em outras direções, como o encontro com o invisível. Assim, destaco que:

La idea musical, la idea literaria, la dialéctica del amor, y también las articulaciones de la luz, los modos de exhibición del sonido y del tacto, nos hablan, tienen su lógica, su coherencia, sus puntos de encuentro, sus concordancias, y aquí también las apariencias son el disfraz de «fuerzas» y de «leyes» desconocidas. (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 135)

Determinados fenômenos, se apresentam de uma forma em que suas aparências não estão des-veladas como supõe o prospector visual, só haverá contato com determinados fenômenos e com as suas individuais re-velações, aquele que se posicionar de maneira excludente de pré-concepções e pré-conceitualizações.



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## RESULTADOS

A partir dos pressupostos iniciados, apresento essa “Ontogeotopologia”, tendo como fonte primária algumas imagens que se constroem a todo instante, se constroem, pois, dependem do sujeito que as vê e que as sentem. Sentir a cidade, esse *topos*, requer no sentido que apresento uma base de caráter não apenas re-flexivo, uma condução na ante-cipação do que já é posto, visto e dado aprioristicamente. A Fenomenologia, vai assegurar que a parte desta “ontogeotopologia” possa ser des-feita, para se re-fazer, em ação visual, sensorial e mental, na produção das respostas para asperguntas sugestionadas inicialmente, pois, no que concerne a condição da Ontologia-desvelar o ser em sentido mais amplo-, a questão do *lócus*, ou *topos*, pois, - será o termo mais utilizado ao longo do texto-, só pode se re-velar no sujeito enquanto parte integral deste, em sentido geográfico, quando se coloca a Fenomenologia antecipando qualquer análise categorial e conceitual pós-entre-dis-postas, o sentido que se quer aqui é evidenciar que uma possibilidade (des)dobrar, redobrando a dobra dos conceitos sobre o lugar que estamos e os sentidos e sentimentos que dali oferecemos ao mundo, compartilhando, visto como sujeito que me encontro diretamente e sou/sendo parte da carne do mundo.

Ressalto que as imagens que serão apresentadas e que foram sendo introjetadas na memória, na vida pelo momento em que o passeante as sentia, são olhares individualizados, solitários talvez, por se tratar de um passeio em um dia de domingo, sem transeuntes, apenas ouvindo o silêncio de uma cidade que tem muita história para contar e compartilhar, tanto com os que estão perto e se sentem parte dela como para aqueles que estão distantes e que só podem sentir lendo esse texto.

Bachelard ao citar Noël Arnaud, trata a mesma condição que se introduz neste texto: “Eu sou o espaço, o lugar que estou” (BACHELARD, 1989, p. 137). Assim, onde estamos quando estamos no mundo? Quando estamos no espaço? Ou no lugar? Ali, aqui, acolá? Para Pallasma (2018), vivemos em um/no mundo de/das possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. Hannah Arendt – **Martin Heidegger**: correspondência 1925/1975. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 15.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fortes, 1989.
- DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível; tradução Marcelo Jacques de Moraes.- Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Lo visible y lo invisible**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.
- PALLASMA, Juhani. **Essências**. tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gil, 2018.
- SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I**: Bolhas. tradução de José Oscar de Almeida Marques, São Paulo: Estação Liberdade, 2016a.
- \_\_\_\_\_. **Esferas III**: Foams. Frankfurt: Editions Suhrkamp, 2016b.